

## Aula inaugural 2012: Modelos e Momentos de Igreja<sup>1</sup>

*Edinei da Rosa Cândido\**

### Introdução

Este ano surpreende-nos e brinda-nos com a recordação de quatro celebrações cuja importância e abrangência não nos permitem inércia. Enquanto cristãos, convidam-nos à celebração; enquanto teólogos, convidam-nos à reflexão. Essa dupla atitude, festejar e pensar, é a causa e o fundamento desta aula inaugural, aqui neste Instituto Teológico de Santa Catarina, hoje, 13 de fevereiro deste ano da graça de 2012.

Quatro fatos históricos estão na base de tudo isso. A disposição cronológica não motiva, necessariamente, a sua importância. Cada fato teve o seu tempo, deixou seus efeitos e consequências e, a partir daí, tem a sua atualidade. Enumerá-los é outra imposição metodológica: Paróquia de Nossa Senhora do Desterro: 300 anos; movimento do Contestado: 100 anos; Concílio Vaticano II: 50 anos; ITESC: 40 anos. Eis o elenco. Para que fosse possível glosar acontecimentos tão distanciados cronologicamente, e tão variados na sua natureza, resolvi criar um axioma, abrindo-nos a uma perspectiva de Eclesiologia, possivelmente, de Eclesialidade: **Momentos e modelos de Igreja: ITESC, um caminho de 40 anos**. Eis o título desta conferência introdutória ao presente ano letivo, ora iniciante.

---

\* O autor, presbítero da Arquidiocese de Florianópolis, é doutor em Teologia e Ciências Patrísticas, professor de História da Igreja Antiga e Patrologia na Facasc/ITESC, e fundador, diretor e redator da revista "Cadernos Patrísticos".

<sup>1</sup> Conferência pronunciada no Auditório do ITESC, no início do seu 40º ano acadêmico, e também 1º ano da Facasc.



Diante disso, dispomo-nos a fazer memória, ainda que brevemente, de cada um desses momentos históricos – isso é celebrar! –. Por outro lado, não podemos ignorar a ocasião e o lugar de onde falamos: aula inaugural aqui no ITESC, repetimos. Nesse sentido, desde já, reconhecemos que os 40 anos do ITESC, último evento indicado, são a mola propulsora de toda esta preleção. De fato, é deste espaço de reflexão teológica e, portanto, como teólogos, que queremos perscrutar e então sinalizar esses modelos e momentos de Igreja.

Uma questão que deve perfazer todo este breve caminho reflexivo é a relação, quiçá a dialética, entre um e outro, a precedência de um em detrimento do outro. Enquanto essa pergunta nos intriga, sem, contudo, nos consumir, passemos aos fatos.

**1. PARÓQUIA DA CATEDRAL:** Em 1712, era criada a Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, denotando a necessidade de vida cristã regular para os habitantes e transeuntes na Ilha de Santa Catarina. Era o alvorecer de um século muito promissor à Ilha e a toda Santa Catarina, que veria chegar, algumas décadas depois (1748), em seus portos, um expressivo número de famílias provindas do arquipélago dos Açores, domínio da Coroa Portuguesa, que daria um novo incremento ao desenvolvimento de toda a região costeira catarinense, e nova nuance cultural, a saber: de portuguesa para açoriana. Era importante, além de tudo, povoar esta parte de Brasil e garantir suas fronteiras contra tantas incursões estrangeiras, com objetivo de usurpação. Menos de trinta anos depois, especificamente, aconteceria a invasão da irmã rival, a Coroa Espanhola, em 1777.

O momento eclesiológico universal era então o da Igreja pós Trento, em luta contra o protestantismo e avessa ao pensamento racionalista, bastante devedor dessa mentalidade. Todavia, em Portugal, e principalmente nas colônias de seu domínio, a realidade eclesiológica conhecia outros parâmetros. Herdeira próxima da religiosidade medieval, que não conhecera a Reforma, era afeiçoada às manifestações exteriores, afeita às devoções santeiras. Tudo isso sob a égide do Padroado Régio, que dava ao rei o privilégio da tutela da religião nessas terras colonizadas.

**2. CONTESTADO:** Em 1912, o episódio em destaque é a questão do Contestado. Que uma disputa de terras no oeste catarinense entre um grupo empresarial (*Brazil Railway* e a *Southern Lumber*) e um grupo de caboclos nativos, tenha trazido, no seu bojo, um confronto entre dois modelos de Igreja, indubitavelmente é algo bastante curioso. Mais uma



vez é preciso recorrer ao universal para entender o particular. O modelo eclesiológico universal era, ainda, o da Igreja Tridentina. Finalmente, após vários séculos, com a queda vertiginosa da monarquia, iniciada com a Revoluo Francesa (1789) e amplamente difundida por todo o século XIX, e o conseqüente advento da república, tambem nas colonias latino-americanas, a Igreja de Roma conseguia derribar o Padroado Régio e fazer valer suas diretrizes nas antigas colonias portuguesas e espanholas da America. Um marco dessa ao foi o Concílio Plenário Latino-Americano (1899), convocado para Roma pelo Papa Leão XIII. Era o período de institucionalizao dessas Igrejas, chamado de romanizao, caracterizado por uma estreita unio com a Igreja de Roma e a aplicao ao modelo de Igreja ditado pelo Concílio de Trento (1545-1563). A recém criada Diocese de Florianópolis (1908), até então única em Santa Catarina, tentava cobrir o imenso território com paróquias e assistência religiosa regular. Paralelamente, contudo, sobrevivia nessa regio do Contestado uma espécie de religio de resistência, matizada na antropologia cabocla, com a marca da sua religiosidade popular: o batismo caseiro, as benzeduras, o eremitismo leigo etc. (Sem muito esforço se pode ligá-la a outros movimentos insurrecionais e apocalípticos da época, como o de Canudos na Bahia: 1893-1897). Duas figuras históricas e legendarias encerram esses dois modelos de Igreja: romanizado, o franciscano, missionário alemão, Frei Rogério Neuhaus; popular, o eremita leigo, conhecido como monge João Maria. Esse confronto, intensificado por combates sangrentos, alcançou proporoes nacionais, marcou a história dessa regio catarinense e não cessa de fornecer elementos para análises e estudos nas mais diversas áreas: política, sociológica e, naturalmente, religiosa, dentre outras.

Acabamos de refletir, rapidamente, sobre dois dos quatro fatos históricos propostos. Fazemos notar que, como cronologia, todos acontecem em período pós medieval, em tempos chamados modernos. E aqui é imprescindível que nos reconheçamos produto de uma realidade nova, de um novo mundo, a America, parcialmente, desancorado do velho, a Europa. Aqui se insere nossa paróquia, tricentenaria, da Ilha de Santa Catarina, encravada no Brasil colonial. O mesmo se diga desse Brasil neo-republicano de cem anos, deste nosso Estado catarinense dentro de uma federao de Estados, que encerra a luta pela terra. Ambos formam um par, porque inseridos num mesmo modelo de Igreja que, perceptivelmente, vive momentos diferentes.



Resta-nos o segundo par: Vaticano II e ITESC. Neste caso, momentos e modelos distanciam-se e diferem enormemente do par anterior. De fato, o momento histórico chamado de mundo moderno, pós-moderno, era da tecnologia, tempo dos meios de comunicação e outras expressões ensaiadas ainda no século XX, motivou a Igreja ao grande Concílio. Levou-a a buscar um modelo novo, ditado por um tempo novo, e aqui não pode haver dúvida de que o momento impeliu à busca do modelo.

**3. VATICANO II:** Em janeiro de 1959, João XXIII, Ângelo Roncalli de batismo, eleito papa em 28 de outubro de 1958, até então Patriarca de Veneza, anunciava ao mundo que a Igreja teria um novo Concílio ecumênico, isto é, com representação universal. Após o caráter apologético e anatemático do Concílio de Trento, entremeado pelo caráter condenatório e dogmático do Concílio Vaticano I (1870), era anunciado o Concílio Vaticano II. Finalizado o intenso trabalho das comissões preparatórias, no dia de Natal de 1961, era anunciada a data para abertura do grande acontecimento: 11 de outubro do ano seguinte, 1962. E assim aconteceu. Contudo, menos de um ano após o início dos trabalhos, exatamente em 03 de junho de 1963, o “Papa Bondoso”, mentor do Concílio, partia para a eternidade, e houve um momento de ansiedade e indecisão. Seu sucessor, Paulo VI, Giovanni Battista Montini de batismo, até então Cardeal de Milão, com decisão, levou à frente as três seguintes sessões conciliares, que se encerraram em 1965.

Quatro grandes temas norteavam as discussões: a) natureza da Igreja, b) renovação da sua vida interna, c) promoção da unidade dos cristãos d) e o diálogo da Igreja com o mundo moderno. Desse esquema, constituíram-se 16 documentos: 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações. As expectativas eram imensas. O Concílio fora precedido por vários movimentos de renovação teológica e espiritual, alguns iniciados já no século XIX, mormente na área da Bíblia, Patrística e Liturgia. Havia grandes esperanças de que o novo concílio, como uma nova primavera, renovasse a face da Igreja. E assim sucedeu. A nova proposta foi imediatamente reconhecida e assumida por alguns, como o colégio episcopal catarinense, rechaçada com decisão por outros, como os da linha Lefebvriana, e ponderada ainda por outros, quiçá buscando o equilíbrio do meio termo (*virtus in medio*). De qualquer maneira, desde então a Teologia, a Eclesiologia, a partir dos documentos conciliares, já não podiam ser as mesmas.



**4. ITESC:** O Concílio motivava uma franca valorização da Igreja local, com sua realidade. Essas metas conciliares contagiaram expressivamente os bispos catarinenses de então. **Dom Afonso Niehues**, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis (1967-1991), definiu nestes termos os efeitos do espírito conciliar sobre sua pessoa e seu ministério: “Um, o homem que foi; outro, o que voltou”. Encerrados os trabalhos em 1965, a tarefa de pôr as deliberações conciliares em prática encontrou o homem de fé e pastor da Igreja de Florianópolis inteiramente determinado a, daquele momento em diante, viver o seu ministério episcopal, ainda juvenil, inteiramente à luz do Concílio Vaticano II. Foi com esse objetivo que ele idealizou e efetivou mudanças fundamentais na formação do futuro clero da arquidiocese que, em conjunto com seus pares, resultaram em novos rumos aos seminários menores, à Filosofia e, principalmente, à teologia, antes estudada em Viamão, RS, e Curitiba, PR. Efetivamente, em março de 1973, ainda em proporções modestas, o primeiro grupo de seminaristas maiores, tendo concluído o curso de Filosofia fora do Estado, instalava-se nas dependências de uma casa construída não muito distante da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina. Era o “Convívio Emaús”, o primeiro dos vários prédios destinados ao funcionamento do Instituto Teológico de Santa Catarina e residência de seus alunos. Entretanto, as aulas eram dadas em salas da vizinha Universidade, cedidas por convênio.

Aqui vão destacadas meritorias loas à ilustre figura, em memória, do **Pe. Paulo Bratti**. Se Dom Afonso, com o episcopado catarinense da época, já estruturado como “Regional Sul 4 da CNBB, teve o mérito de idealizar o ITESC, Pe. Paulo Bratti teve o de o realizar. Numa época de dúvidas e incertezas – o Concílio suscitara essa atitude em muitos setores da Igreja – em que se propunham várias alternativas aventureiras ao estudo da Teologia, esse benemérito Presbítero, co-fundador e professor decano do ITESC, com decisão e firmeza, garantiu ao novel Instituto Teológico a seriedade e a constância de uma Teologia Sistemática renovada, buscando implantar as diretrizes apenas sinalizadas pelo Concílio.

Assim nasceu o ITESC, como fruto do Concílio Vaticano II: dele recebeu sua raiz fundacional e maior fonte de inspiração. É momento privilegiado de universalidade, para toda a Igreja, que abre espaço para a particularidade da nossa Igreja local, e volta a sua aplicação à Teologia neste estado de Santa Catarina. Como tudo que do Vaticano II brotou, já não pode mais simplesmente se alinhar, se encaixar a fatos históricos anteriores, com seus momentos e modelos eclesiológicos.



Como centro de estudos específicos, tem a ingente tarefa de ensinar, refletir e produzir teologia. É o que o ITESC tem feito neste seu caminho de 40 anos. Através de suas atividades: cursos, jornadas, tríduos e semanas teológicas, muito tem transmitido dessa riqueza aos seus mais de mil alunos matriculados. Desses, mais de 500 assumiram o ministério ordenado, e minhas questionáveis cifras atestam que mais de 2% do clero formado no Brasil ocupou as carteiras deste Instituto; quatro foram escolhidos para assumir o grau do episcopado: Dom Luís Carlos Eccel, Bispo emérito de Caçador, SC; Dom Pedro Zilli, PIME, Bispo de Bafatá, na Guiné Bissau, África; Dom Mário Marquez, OFMcap., Bispo de Joaçaba, SC; e Dom Geremias Steinmetz, Bispo de Panaravaí, PR. Através dos vários trabalhos escritos dos seus professores e publicados, em livros ou em artigos nos já sessenta (60) números da sua revista quadrimestral, “*Encontros Teológicos*”, o ITESC tem expandido ciência teológica, nacional e internacionalmente. De seus ex-professores, três foram escolhidos para assumir o grau do episcopado: Dom Orlando Brandes, Arcebispo de Londrina, PR, Dom Vitus Schlickmann, Bispo emérito de Florianópolis, Dom Juventino Kesting, Bispo de Rondonópolis, MG e Dom Manoel João Francisco, Bispo de Chapecó, SC.

Diante de tantos louros e priscos, voltemos o nosso olhar à realidade eclesial concreta. Hoje, nesta aula inaugural do seu quadragésimo aniversário, através desta modesta reflexão, este Instituto Teológico confronta-se com o desafio de (re) ler todos esses fatos e, sem ignorar o seu valor histórico, extrair-lhes o aporte teológico num constante trânsito entre o particular e o universal, em franca dialética de momentos e modelos. Mais do que isso, encara a tarefa de (re) ler a si mesmo nestes seus 40 anos de existência. E nos convoca também a uma leitura de nós mesmos. Onde nascemos, de onde viemos, onde atuamos? Certamente, esta nossa realidade também insere um modelo e um momento eclesiológicos!

A precedência de um em relação ao outro é delicada de estabelecer. Parece uma daquelas disputas infrutíferas que buscam definir a precedência do ovo em relação à galinha e vice versa. Mais importante, julgamos que seja estabelecer pontos e não hesitar em tomar posições, determinar cortes e rupturas, abrir pistas, sondar novos atalhos. Nisso não de se revelar os momentos e modelos eclesiológicos e sua correspondência.

A marca do ITESC, porque filho do Vaticano II, é a consciência eclesial de que se vive um novo tempo. Certamente, este ano do cinquentenário do Concílio muito fará a Igreja debater seu aporte, sua



abrangência, realização e perspectiva a serem efetivadas. Por isso, permite-nos, pelo vetor do ITESC, lançar um olhar no passado e no futuro e, partindo de ambos, teorizar, analisar, produzir, repensar e responder a tantos questionamentos de nossos dias. A lista é enorme e indigesta. Arrisquemos alguns temas: fecundação em laboratório. Quem são os pais de uma criança fruto de óvulo e sêmen fecundados em laboratório e aninhados em uma barriga, de aluguel ou não? O que você responderia? Qual dos dois casais teria o direito de decidir o futuro religioso dessa suposta criança?

Relações homoafetivas, tema de insistente veiculação na mídia, na busca da legalidade inclusive religiosa! O que dizer da crise econômica? Brasil, sexta economia do planeta. Até que ponto esse status já se transformou em benefício concreto para as camadas mais empobrecidas da população? E o monopólio econômico dos *made in China*, produtos chineses? E a ameaça nuclear que voltou a nos assombrar como nas décadas anteriores da guerra fria: Coreia do Norte comunista, Irã fundamentalista. As pesquisas com células tronco e tudo o que se diz a serviço da vida? E as questões ambientais, e o narcotráfico, a falta de segurança na cidade e no campo? O que tem a Teologia a dizer de tudo isso?

Não esqueçamos os problemas de ordem estritamente religiosa (afinal, falamos de uma cátedra teológica): a sede insaciável de Deus no homem contemporâneo, as crises existenciais que, mais ou menos incidentes, acabam nunca saindo de moda; o pluralismo religioso com suas ambigüidades; a onda neomilenarista, apocalíptica; as experiências místicas e espiritualistas – verdadeiras e falsas – que insistem em barganhar com o Magistério e se impor como doutrina. Até a própria religiosidade popular também sofre com a globalização e massificação. Já não a encontramos tão compacta, coesa e simples como a conhecemos no passado e a desejaríamos na atualidade.

Voltando mais ainda a atenção às questões *ad intra* do próprio catolicismo, as discutíveis e as “proibidas”: o futuro do catolicismo europeu; a vertiginosa queda do catolicismo nas estatísticas do IBGE no “maior país católico do mundo”; os ministérios ordenados; a ministerialidade leiga; a morosidade tendenciosa das articulações, burocracias e políticas eclesiásticas.

É ainda como teólogos que nos perguntamos: precisamos de...? Este momento que estamos vivendo sugerem que... As necessidades do homem moderno solicitam... A evangelização exige... Do que precisa-





mos? O que nos sugere o momento que vivemos? Quais as reais necessidades do homem moderno? O que a evangelização exige? A alguns desses e outros questionamentos, subreptícios, simplesmente respondo *Não*; a outros, *Talvez*; a outros ainda, *Não Sei*; finalmente, *Sim*, para alguns. A busca de modelos para o momento que estamos vivendo deve ser empenhada e constante. Efetivamente, o tempo das grandes certezas esvaiu-se com as grandes decepções, inclusive no plano político. Portanto, certezas e verdades por demais rápidas e resolutas correm o risco da precocidade, da superficialidade e, mesmo, do engano. Tudo isso, definitiva e exclusivamente absolutizou o único absoluto: DEUS.

Tudo isso converge, inquieta, afeta o “povo de Deus”, conceito precioso legitimado pela Eclesiologia do Vaticano II (*Lumen Gentium*). Mais do que conceito, realidade preciosíssima e destino da ação pastoral, motivo maior da encarnação do Verbo. Eis a razão do nosso fazer Teologia: viver a fé e a espiritualidade, encarná-las e assumi-las na pastoral, a exemplo de Jesus Cristo.

Em meio a tudo isso, quase paradoxalmente, recordamos esses mesmos quatro acontecimentos, não mais em pares. Ainda lembram-se deles? Eles formam como que o tronco de uma grande árvore. O que existe de comum em tudo isso? Um momento e um modelo eclesiológico. Insisto. Eles são peças difíceis de serem encaixadas, de um mosaico complexo, porque já são vistos de uma época, como a nossa, marcada pela fragmentação.

Podemos e devemos celebrar nossas datas, que dão sentido à nossa história pessoal, estadual, nacional, institucional. O que não podemos é nos iludir com passado/futuro, eficácia/inutilidade, realidade/alienação. As comemorações, por vezes, são falaciosas, porque nos enganam, fazendo crer que voltamos no tempo! O tempo que passou não volta mais. A história é irreversível, o mundo caminha para frente e não para trás. Uma única comemoração/celebração realiza esse portento, a dos sacramentos, mormente a da Eucaristia. Assim o cremos pela fé!

As questões compactas, onde os modelos orientavam os momentos, pulverizaram-se. O que temos na atualidade, e o teremos sempre mais, são momentos ditando, querendo impor modelos. São modelos, por vezes postíços, querendo subtrair-se a inegáveis momentos. As soluções institucionais, teológicas e pastorais, com seus projetos e estratégias, têm sido bastante versáteis e criativas, mas insuficientes, limitadas na sua abrangência. Isso, deixando de lado a inadequação e ideologia de determinados projetos.





E aqui, é preciso coragem para reconhecer: a atualidade, compreenda-se aqui modernidade, pós-modernidade, hiper-modernidade, relativiza e, mais do que isso, sacode momentos e modelos incessantemente. O modelo único, muito menos o momento único, já não existem e não voltarão a existir. O que existe é essa fragmentação intermitente e pressionadora.

O ITESC, grande motivo desta preleção, porque, criado dentro do espírito do Vaticano II, encoraja-se a lançar um olhar de longo alcance e refletir situações tão diversas e até aparentemente antagônicas, algumas.

Teologia no ITESC: Não me parecia justo que exatamente na aula inaugural das suas bodas de pérola, 40 anos, este centro cultural tivesse o lustro de seu nome minimizado ou relegado ao esquecimento. Não o esqueçamos, pois, ele continua a existir não apenas na memória do nosso acelerado envelhecimento, mas também como organismo incorporando uma nova instituição. Pronunciemo-lo, portanto, com afeto e saudade: ITESC – Instituto Teológico de Santa Catarina (aplausos...). Jamais poderemos pronunciá-lo como dantes. A história, além de irreversível, irrevogável, é implacável. Este momento solene soa como um divisor de águas, demarcando a linha tênue que divide o passado do futuro. E o presente? Ainda não o tinha citado. É uma esperança.

Finalmente, chegou a hora de pronunciá-la solenemente. Certamente não se pensou que eu a houvesse esquecido: *Faculdade Católica de Santa Catarina*: FACASC. Eis o novo que se descortina ante nossos olhos, com suas promessas e seus riscos. De fato, fomos surpreendidos, *ex novíssimo*, no quase derradeiro do ano, 30 de dezembro pp., com o credenciamento da Faculdade junto ao MEC e, nos albores deste ano em curso, em 25 de janeiro, com a autorização do Curso de Teologia pelo MEC.

Teologia na FACASC: Quando elaboramos o plano diretor (fui integrante do grupo), tivemos presente tudo isso aqui exposto. E, de nossa reflexão, surgiram importantes diretrizes para responder a tantas exigências. Todavia, a instituição e a estrutura podem determinar e auxiliar, mas não podem modelar o momento, porque a realidade sempre poderá superá-lo.

Esta semana, 4<sup>a</sup>., 5<sup>a</sup>. e 6<sup>a</sup>. feiras, teremos três tardes inteiras dedicadas à formação e planejamento do corpo docente desta novel Faculdade Católica. Será o momento de traçar estratégias para viabilizar o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, o Regimento Interno e o Projeto



Pedagógico do Curso, sobre os quais labutamos penosamente; alguns de nós, por duas vezes consecutivas. Também esse será um modo e um momento para exercer o carisma e cumprir a missão de teólogo.

Em tempo, de minha subjetividade e experiência pessoal, manifesto minhas impressões. Sinto-me extremamente feliz pelos 22 anos de experiência no antigo ITESC: desses, 4 como aluno e 18 como professor (abreviados pelos sete anos licenciados no exterior para o aprofundamentos dos estudos teológicos, na área da Teologia e Ciências Patrísticas).

Dizem que não existem, cifras e fatos que não escondam rostos. A Igreja-rostos, tem por imagem o feminino. A Virgem Maria, mãe de Deus, é, indubitavelmente, a sua mais bela versão. A ela associam-se as mães de cada um de nós, modelos de serviço na maternidade humana. E, no entanto, na Teologia da Igreja, no estudo, na reflexão, ainda prevalecem os rostos masculinos. Nossa platéia é a prova irrefutável.

Todos somos filhos, da Virgem e Mãe, da mãe servidora, da Igreja imagem. Aleatoriamente, mas guiado pela cronologia, resolvi dar rostos filiais para cada um desses fatos históricos, encerrando momentos e modelos eclesiológicos. À paróquia de Nossa Senhora do Desterro, associei aqueles de ascendência açoriana, os praieiros. À Igreja do Contestado, aqueles de etnia cabocla, na sua maioria os provenientes do planalto serrano, do oeste catarinense e adjacências. À Igreja da romanização, os colonizadores da última hora: descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses ucranianos etc. Ao Vaticano II, associei os de espírito especulativo, abertos às questões do mundo moderno, às inovações. À Eclesiologia do ITESC, os de perfil teológico.... Repito a questão: Qual é o seu modelo de Igreja? Nenhum desses, algum desses, todos esses? Proponho, neste momento final, um jogo, um motejo, quase um chiste, uma espécie de jogral espontâneo: Que se levantem os que se reconhecem nesse ou naquele modelo... Por minha livre vontade, decidi associar-nos todos ao novo momento, modelo, rosto e perfil do novo. Por decisão objetiva decidi associar-nos todos à *Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC*.

Florianópolis, FACASC/ITESC, aos 13 de fevereiro de 2012.

*E-mail do Autor:*  
edinei@tiscalinet.it